



# O CAMPONÊS

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

## UMA GRANDE VITÓRIA

No dia 3 de Janeiro, como a abrir um ano de lutas e vitórias anti-salazaristas, dez destacados elementos do Partido Comunista, que estavam presos no Forte de Peniche, conquistaram a liberdade, para colocar a sua inteligência e a sua actividade ao serviço da luta do nosso povo.

Ainda recentemente, tentando impôr a prisão perpétua a PIDE tinha prorrogado por mais 3 anos as medidas de segurança aplicadas a ALVARO CUNHAL, preso desde Março de 1949. Agora ALVARO CUNHAL, nome querido do nosso povo e nome prestigiado internacionalmente está já fora dos cárceres salazaristas.

FRANCISCO MIGUEL, preso desde Junho de 1947 e com quase 20 anos de prisão, está actualmente em liberdade. E o mesmo podemos dizer de outros dirigentes comunistas como

JAIME SERRA, JOAQUIM GOMES, PEDRO SOARES, GUILHERME DA COSTA CARVALHO, CARLOS COSTA, ROGÉRIO DE CARVALHO, JOSÉ CARLOS e FRANCISCO MARTINS RODRIGUES.

Estes dez patriotas, que deram, com a sua audaciosa fuga um grande exemplo de dedicação à luta do nosso povo, passaram, ao todo mais de 77 anos encarcerados.

É com profunda alegria que «O CAMPONÊS» leva aos seus leitores a notícia desta vitória anti-salazarista, que teve e tem uma enorme projecção política no país e foi vibrantemente aplaudida internacionalmente por todos os meios progressivos.

## A AGRICULTURA PORTUGUESA ARRUINA-SE APELO PARA A UNIDADE DE ACÇÃO DE TODOS OS AGRICULTORES

Para fazer uma análise geral da situação da agricultura os únicos números a que podemos recorrer são os fornecidos pelos serviços estatísticos do regime. Esses dados são muitas vezes deturpados mas à míngua de outros, teremos de os aproveitar com a certeza de que a situação presente não é melhor do que a que eles indicam.

Ao ler-se o relatório que apresenta a última lei de meios, fica bem patente a situação ruínosa da agricultura.

É verdade que os ministros, secretários e subsecretários e outros dirigentes salazaristas muito falam no progresso da nossa agricultura mas que interessa essa propaganda se os próprios números deles demonstram que ela é mentirosa?

Segundo o dito relatório o produto nacional bruto originado na agricultura, isto é, o valor da sua produção global, diminuiu de 1957 para 1958 em cerca de 800 mil contos ficando no valor de 12.110 milhares de contos (a preços correntes, ou seja, aos preços de 1958). Ora em 1959 deu-se uma nova diminuição, e diminuição notável, na produção agrícola. Produziram-se menos 36% de trigo, menos 8% de centeio, menos 35% de aveia, menos 25% de cevada, menos 16% de milho de sequeiro, menos 11% de feijão de sequeiro, menos 2% de fava, menos 27% batata, menos 9% de vinho do que 1958, tendo subido sómente a produção de arroz, milho e feijão de regadio e grão de bico. Quanto ao azeite subiu a produção em relação a 1958 porque este ano não foi de contra-safra mas a produção em 1959 foi inferior à média de 1949-58.

Se compararmos a produção agrícola mesmo com anos anteriores que podemos constatar? Por exemplo em 1951 o produto bruto da agricultura ultrapassou os 13 mi-

lhões de contos aos preços desse ano, portanto sem ter em conta a desvalorização contínua da moeda.

Isto significa que apesar de aumentar a população, os produtos agrícolas para sustentar diminuem. Além da ruína da agricultura resultará a fome para o povo.

Mas porquê? Qual a razão porque, contra o que sucede naturalmente, em Portugal cada vez a agricultura produz menos?

Porque diminui a superfície de terra semeada? Os salazaristas dizem que não. Então é porque o rendimento vai diminuindo.

E porque diminui o rendimento? Por causa do mau tempo? Não. A razão é outra. Porque a agricultura portuguesa, sob o regime salazarista, bem ao contrário do que este apregoa, tem-se mantido atrasada, tem-se mantido numa luta inglória contra a própria ruína.

Há, na verdade, alguns grandes lavradores, que porque têm dinheiro, podem comprar máquinas, podem gastar mais em adubo, podem

fazer os tratamentos necessários, podem esperar por melhores alturas para vender os seus produtos ou recebem mesmo um subsídio. Para esses, bem poucos, as contribuições são menores e o preço dos produtos agrícolas compensa-lhes os gastos.

Mas para pequenos e médios agricultores, quer proprietários quer rendeiros, a agricultura é «uma morte lenta». Os recursos financeiros escasseiam e cada vez são mais difíceis de obter, foge-se ao adubo porque está muito caro,

(continua na 2ª pág.)

## OS OPERÁRIOS AGRICOLAS LUTAM CONTRA O DESEMPREGO

Com o fim das sementeiras e da azeitona, alastrou imenso o desemprego em todo o Alentejo. São milhares e milhares de trabalhadores que, não tendo trabalho, nada ganham. Nos seus lares reina uma fome extrema.

Pelas primeiras informações que recebemos, vê-se que os trabalhadores, seguindo a justa orientação de se unirem e lutarem, procuram conseguir trabalho para assim afastarem a fome e a miséria.

Em Montemor-a-Novo foram feitas três concentrações, com 40, 180 e mais de 200 trabalhadores, junto da Casa do Povo. Só em virtude desta acção é que a Casa do Povo arranhou trabalho para os chefes de família que são sócios, a ganharem 20\$000.

No Couço também mais de 100 trabalhadores se concentraram na Casa do Povo e conseguiram arranjar trabalho para 70 e tal.

Em Aviz um grupo de trabalhadores falou ao presidente da Câmara que lhes arranhou trabalho também a 20\$000. Mas a chuva fez cessar o trabalho e de novo os trabalhadores voltaram ao pres. da Câmara que então fugiu da terra. Em virtude disso dirigiram-se ao maior agrário da terra, J. Lopes, a quem expuseram a situação. O agrário disse-lhes que eles tinham razão mas ele nada podia fazer. Pagava a cota para a Câmara e era esta que tinha de resolver. Um trabalhador replicou-lhe que eram os agrários que tinham a terra, porque não lhes davam trabalho? «Se não nos dão trabalho temos de ir buscar as coisas», afirmou outro trabalhador. Como o agrário deitasse mão à carteira para dar qualquer donativo aos trabalhadores, estes disseram que não andavam a esmolar, queriam trabalho, queriam ganhar para se sustentarem mais à família.

No dia seguinte foram ao posto da GNR e aí expuseram ao cabo as suas reclamações. O cabo recebeu-os proclamativamente mas ante as razões bem expostas pelos desempregados não pôde deixar de

lhes dar razão embora disse-se que nada podia fazer.

Em Santana (Coruche) algumas dezenas de desempregados foram ao posto da GNR pedir providências. O alferes falou a alguns agrários e arranhou trabalho para todos.

De S. Manços também se deslocaram à Évora alguns desempregados para pedir trabalho.

Mecejana - Mais de 30 mulheres depois de se terem concentrado na Casa do Povo, foram junto do pres. da Câmara exigir que enquanto houvesse braços sem trabalho não fosse empregadas as máquinas químicas nas mondas.

Em consequência da unidade e luta das operárias agrícolas o pres. foi obrigado a proibir a utilização das máquinas.

Alcozer do Sal - Dezenas de operários agrícolas, desempregados, depois de se terem concentrado na Casa do Povo, dirigiram-se ao pres. da Câmara a exigir trabalho. Perante a unidade e a disposição de luta dos trabalhadores o pres. foi obrigado a empregar alguns nas estradas e a distribuir outros pelos agrários.

Alcozer do Sal - Na herdade de Berlanja, propriedade do agrário Joaquim Nuncio, um rancho de 40 a 50 operários agrícolas, exigiram meia hora para a merenda, como o agrário tivesse recusado, abandonaram o trabalho.

Plus-60 operários agrícolas das Beiras que trabalhavam na cave das vinhas por conta do agrário João Rogado, apesar de intimados pela GNR, a não o fazer abandonaram o trabalho como protesto contra o despedimento de 7 dos seus companheiros.

De muitos outros lados nos vem informações do alastramento do desemprego e de várias pequenas acções contra ele.

Na verdade a situação, que se repete todos os anos por todo o Alentejo, torna-se cada vez mais extensa e alarmante. Os períodos de desem-

(continua na 2ª pág.)

### SAUDAÇÃO

No início do ano de 1960, «O CAMPONÊS» saúda todos os seus amigos e leitores, saúda todos os camponeses de Portugal.

Um ano de novas acções começa e durante elas estrelar-se-á a unidade necessária de todas as camadas camponesas exploradas e arruinadas por um regime que oprime todo o povo e impede o progresso e a Paz da Nação.

Se sobermos unir-nos estreitamente e sermos firmes na defesa dos nossos justos interesses, das liberdades democráticas e da Paz podemos assésar ao salazarismo golpes profundos que o levarão à sua derrocada. Assim caminharemos para uma agricultura florescente e uma vida desfogada nos campos.

VIVA O ANO DE 1960, ANO DE UNIDADE E DE ACÇÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL!

## LUTEMOS POR MAIS JORNAL NA CAMPANHA DO ARROZ

Estamos nos primeiros trabalhos para a campanha do arroz. Trabalho violento que arruína a saúde dos homens e mulheres com as doenças de sezões, reumatismo, bronquite e tuberculose.

Dezenas de contos vamos meter nos bolsos dos agrários e as jornas que temos ganho só têm dado para a miséria em que vivemos. O custo da vida aumentou, por isso, é necessário que as jornas também aumentem. Segundo o parecer de alguns trabalhadores, tudo que seja para menos de 30\$000 para as mulheres e de 55\$000 para os homens, não é nada.

Para conquistar tal jorna ou mais é necessário a luta unida e orga-

nizada. Nos locais onde já se trabalha, façamos reuniões e depois de assentar na jorna a pedir vamos juntos, ao agrário exigir a jorna combinada.

Para os outros trabalhos do arroz comecemos desde já a reunir, nas Casas do Povo, praças de jorna tabernas, etc. para discutir qual a jorna a pedir. Depois das condições e jorna combinada, sempre unidos e firmes recusamo-nos a ir trabalhar por menos. É necessário sabermos esperar porque o tempo passa para as sementeiras e os agrários serão obrigados a pagar a jorna que pedir-mos.

Sempre unidos e firmes conquistaremos jorna mais elevadas?

Ó ZÉ

R. 7209



—Bem haja Zé!  
 —Bem vindo Toino!  
 —Estás pálido e magro, homem, parece que a azeitona te deu pela cara.  
 —Se te parece Zé! Um homem arrebita a trabalhar e nunca enche a burla aquelas almas do diabo. Como vês a azeitona terminou, as dívidas no merceiro e no padeiro não se pagaram, pois mal ganhámos para a bucha e agora estou desempregado e esperança de

trabalho até às mondas são poucas.  
 —Não me digas Toino! Um homem tem de ser um homem e não um gaiato que ande para aí a chermingar, as dificuldades da vida só se vencem a lutar, por isso, há que dizer à nossa malta que não é com as mãos nos bolsos e encostados às paredes que o trabalho e o salário se conquista, se os nossos companheiros e companheiras não abrirem os olhos nem as mondas vão provar.

—Lá isso é verdade Zé. Custa acreditar, mas se é verdade o que para aí se fala, de máquinas que lançam pozos e fazem a monda sem queimar os trigais, os agrários não vão ter falta de gente.

—Mais que certo, Toino. Chama-se monda química. Embora não dê ainda todos os resultados precisos para queimar certas ervas daninhas como seja o balanço, a margaça e o joio, eles acabarão por conseguir, sem queimar os trigais.

Há já 2 anos para cá que o emprego da monda química tem contribuído para muito dos nossos irmãos terem ficado desempregados e os que mondaram ganharem salários de fome. Mas, para que isso não se repita é necessário desde já chamar a atenção da nossa malta para as mondas que se avizinham. É mesmo um dever de nós, Toino! Lá diz o ditado que dos erros comem os escrivães, é da nossa desunião que os

agrários se aproveitam para nos pagar salários de miséria e empregarem as máquinas que nos lança para o desemprego.

—Ó Zé, deveras que estava desanimado, mas a tua conversa me deu alento e me tocou a fundo no coração. O que é preciso mais fazer?

—Em primeiro lugar, Toino, trabalhar pela unidade da nossa malta fazendo reuniões onde os homens, mulheres e jovens participem depois discutirem as jornadas que devem ganhar para as mondas. Lembrai-vos que o azeite, a banha, toucinho, bacalhau e muito mais coisas subiram de preço, por isso é necessário que a jorna a pedir compense o aumento do custo de vida, 20\$00 a 25\$00 para as mulheres e 25\$00 a 30\$00 para os homens não é demais. Por outro lado, forçar os agrários através da nossa luta unida e organizada a não empregarem as máquinas enquanto houver braços parados e a garantir trabalho todo o ano.

—É mesmo assim Zé, as lutas que vamos travar tanto pode ser pelas mondas como por qualquer outro trabalho.

—Muito bem, Toino, já vi que compreendeste, é preciso contar com a resistência dos agrários, se formos para a luta com o espírito de vencermos, conquistaremos trabalho e melhor jorna.

Agora mãos à obra, Toino!  
 —Até já Zé, não terei pernas ávondo para falar e organizar os nossos companheiros.

(continuação da 1ª pag.)  
 e ao tratamento que caro é, as contribuições são muito elevadas e as ajudas do Estado nunca os atingem. Por fim o preço dos produtos agrícolas não compensa os gastos realizados. Por isso cada ano vai sendo pior. O rendimento agrícola vai diminuindo e a agricultura portuguesa, que se encontrava no nível mais atrasado da Europa, nesse lugar se mantém cada vez mais distante dos outros países.

Por todo o lado ecoam as queixas dos agricultores. E no ano que está correndo que irá suceder?

Já se pode afirmar que as despesas vão aumentar pois este ano começa-se a pagar o juro do adubo logo que se levanta. Em alguns lados sabemos que não venderam o trigo para semente que o agricultor queria comprar. O laço que nos rodeia o pescoço vai pois apertar mais. Que fazer?

Para não seguirmos todos o caminho de tantos que hipotecaram as suas terras e depois ficaram

sem elas ou deixaram de poder pagar a renda e tiveram de procurar trabalho em outro mister, para não nos deixarmos arruinar de todo, o único caminho que temos pela frente é o de nos juntarmos, de nos unirmos, de vencermos o nosso individualismo e compreendermos que sózinhos nada podemos fazer, mas unidos podemos conseguir salvar-nos.

Temos visto os vitivinicultores juntarem-se e fazerem protestos colectivos contra as decisões da Junta Nacional do Vinho. Temos visto os produtores de batata levantarem-se contra as dificuldades do seu escoamento e exigirem um melhor preço. Temos visto os produtores de leite reclamarem contra os grémios e outras associações dos grandes que os obrigam a vender o leite por baixo preço.

O que é necessário é seguir esses exemplos e tornar muito mais vasta a unidade e a acção dos agricultores portugueses, pois só seguindo esse caminho se poderá impedir a ruína a que o salazarismo nos condena.

DUM GRUPO DE OPERÁRIOS AGRÍCOLAS RECEBEMOS O APELO QUE PUBLICAMOS A SEGUIR:

**ÀS PRAÇAS E GRADUADOS DA GNR E PSP**

Nós, trabalhadores do campo, dirigimo-nos a vós, antecipadamente convencidos de que o nosso humano apelo encontrará lugar na vossa compreensão.

O governo de Salazar e os grandes agrários lançam-nos para uma situação que não podemos suportar mais. Somos os trabalhadores portugueses que mais sofremos com a fome, miséria e exploração. Continuamos sem trabalho assegurado, sem salário mínimo, sem horário de trabalho, sem assistência médica, sem abonos de família.

Gostaríamos que refletissem serenamente nas nossas condições de vida: nos salários de 17 e 18\$00 para os homens e 8 e 9\$00 para as mulheres, nos meses seguidos de desemprego, nos lares com 5, 6 e mais filhos, sem pão, etc..

Que medidas tomou o governo para dar solução aos nossos problemas? Nenhuma! As medidas que o governo e os agrários tomam é, quando pedimos mais pão, melhores salários e melhores condições de vida, mandar-vos contra nós, mandar apontar sobre nós as armas e balas que transportais.

Foi por pedir mais pão, melhores salários e condições de vida, que Catarina Eufémea foi assassinada em Baleizão (pelo tenente Carrajola), que Alfredo Lima foi assassinado em Alpiarça (pelo guarda Ar-

mando Sousa) que José Adelino dos Santos foi assassinado em Montemor-o-Novo (pelo sargento Francisco Ronge).

Estes mártires permanecem no coração do nosso povo que não esquecerá nunca tais crimes.

O governo de Salazar e os grandes agrários fascistas incutem-vos o ódio e o desprezo por nós. Dizem-vos que não queremos trabalhar, que somos rebeldes, que somos ladrões. Eles não nos apresentam como aqueles que trabalhamos a terra, que produzimos o pão, as batatas, o azeite, a carne, etc., não nos apresentam como uma força de produção indispensável à vida da Nação, que exige amparo da parte do governo, mas sim apontam-nos como uma coisa sem valor e que não merece respeito.

O governo de Salazar e os grandes agrários, por outro lado, fazem de vós cães de guarda (desculpai o termo), fazem-vos andar de noite, à chuva, ao calor, longas viagens, tudo para guardar bem aquilo que eles roubaram ao povo.

Mas nós não podemos aguentar mais tal exploração brutal e desumana e acções mais enérgicas em defesa das nossas reivindicações de certo terão lugar. Nós queremos os direitos de todos os trabalhadores, de todos os homens—e isso é humano e justo.

Nós apelamos para que vos recusais a intervir em assuntos ligados com a nossa luta. Nós apelamos para que vos recusais, ostensivamente ou passivamente, às ordens dos vossos comandantes e da PIDE quando vos mandam contra nós. Nós apelamos para que não escuteis os agrários, que por vezes vos mandam algum presente só para vos terem na mão.

Pensai bem. Vós também pertenceis ao povo, também sois filhos dele. Muitos de vós conheceis o que é a miséria e a exploração nos campos. Vós também tendes filhos e também tendes lares. Não gostais que os vossos filhos andem bem vestidos e comidos? Não gostais que nos vossos lares não falte o pão? essa é também a nossa sagrada aspiração e é precisamente por isso que lutamos.

Não esqueçais que o salazarismo está historicamente condenado a desaparecer num espaço de tempo relativamente curto. Não tomeis responsabilidades ante o povo e a Nação que não tendes. Não chaméis para cima de vós o ódio dos trabalhadores e do povo que deve ir sim para cima do fascismo.

O vosso lugar é ao lado do povo e não contra ele. Nós estamos fartos de fascismo e o dia aproximasse em que o povo partirá as algemas do salazarismo e conquistará a liberdade e a democracia. Nesse dia feliz tanto nós como vós seremos livres, e nós passaremos a ter os direitos de todos os trabalhadores e vós deixareis de ser atirados contra nós.

PRAÇAS E GRADUADOS  
 DÁ GNR E PSP!

Uni-vos contra as ordens desumanas que vos dão!

Merecei o respeito dos trabalhadores e não o seu ódio!

Lutemos todos para que a derrota do salazarismo seja o mais próximo possível!

**LUTA CONTRA O DESEMPREGO**

(continuação da 1.ª pag.)

preço aumentam, o desemprego atinge cada vez mais gente, a vida está muito mais cara. Tudo isto é o resultado da política de Salazar que apoia e dirige a exploração ao máximo dos que trabalham,

Para responder a esta situação cada vez mais grave é necessário tomar medidas mais enérgicas. Todos dizemos que não podemos morrer de fome. Mas que fazer?

Temos que nos unir, que nos unir sempre cada vez mais. Temos que exigir trabalho para todos e não nos contentarmos com trabalho só para alguns. Temos que nos ligar aos trabalhadores das

terras próximas para que as concentrações e outras acções que façamos sejam maiores, mais fortes, capazes de conquistar a nossa justa aspiração de ganharmos o pão de cada dia.

Para nos unirmos é muito importante que em todas as terras se façam reuniões para discutir como actuar. As que ultimamente têm sido feitas têm animado os trabalhadores que desse modo, combinados, se unem e lutam.

Quer nas Casas do Povo, nas Câmaras, nos agrários, nas autoridades militares, devemos explicar muito bem as nossas razões mostrando-lhes que o nosso caminho

não pode ser o de ficar à espera que caia do céu o pão e o azeite. Devemos, de modo calmo mas firme, mostrar que ou nos arranjam trabalho ou temos de o arranjar nós. Temos de agarrar nós as terras para as cultivar e para que dêem pão. Ou então temos de ir buscar o pão onde o houver. Se o fizermos colectivamente, isto é, se todos formos buscar a comida onde ela existe, para não morrermos à fome não é nenhum crime, é um caminho justo.

Contra o desemprego é com a nossa unidade e a nossa firmeza que temos de contar.  
 Alarguemos a nossa unidade e lancemos-nos sem receio, contra a miséria e a fome!  
 Conquistemos trabalho ou vamos buscar o pão onde o houver!